
Riscos e complexidades geopolíticas para Ásia e Oriente Médio e o uso da IA em saúde nestas duas regiões

Lúcia Marques

Princípios da Declaração de Istambul de 1997: Paz em vez de conflito; Diálogo em vez de confronto; Cooperação em vez de exploração; Justiça em vez de dois pesos e duas medidas; Igualdade em vez de discriminação; Democracia em vez de opressão.¹

Ao longo de 2025 acompanhamos as diferentes ações do presidente americano, Donald Trump, para “conter” a China, que foi considerada, na [Estratégia de Segurança Nacional](#), lançada em final de novembro passado, a grande rival da América, isto é, uma ameaça à hegemonia americana – e é, de fato. As sanções e ações já vinham sendo aplicadas desde seu primeiro mandato, seguiu com o ex-presidente Joe Biden, e escalou no mandato Trump 2.0. No entanto, diferente dos anos anteriores, desta vez a China respondeu à altura tanto à guerra de tarifas, quanto às ameaças militares. A China bloqueou o acesso dos EUA às terras raras e à cadeia de processamento desses minerais estratégicos para as novas tecnologias.² E, pela primeira vez, a cerimônia de abertura da cúpula de líderes da Organização para Cooperação de Xangai deixou de mostrar aspectos milenares e tradicionais da cultura chinesa para mostrar um grandioso desfile militar, com demonstração de armamentos e capacidades militares³, sinalizando que está pronta para responder. Nessa Guerra Fria 2.0, outra superpotência, a Rússia, viu a América tentando se aproximar visando afastá-la da China.

Outras ações, ameaças e bombas foram lançadas contra aliados e parceiros estratégicos da China, sob justificativa de combate ao terrorismo e segurança nacional. Testadas as respostas e forças, neste início de 2026, Trump partiu para o ataque, de fato (na Venezuela) e indireto (no

1 Esses são seis princípios que constam na primeira Declaração de Cúpula (Istambul, 1997) da [Organização D-8 para a Cooperação Econômica](#). Princípios muito atuais e que deveriam ser lembrados por governantes.

2 Marques, L. **Enfrentando a guerra tarifária americana, China usa o ponto fraco dos EUA: terras raras**. In: [Cadernos CRIS-Fiocruz Informe 2-2025, p. 267 \(263-273\)](#).

3 Marques, L. **Os olhos do mundo voltados para a cúpula na Ásia, que mandou sua mensagem**. In: [Cadernos CRIS-Fiocruz Informe 16-2025, p. 227-233](#).

Irã)⁴, dois grandes fornecedores de petróleo e gás da China e países estratégicos para a presença chinesa no Oriente Médio e América Latina.

Em [discurso](#) no Conselho de segurança da ONU, em 06 de janeiro, Jeffrey Sachs destacou que

“No último ano, os Estados Unidos realizaram operações de bombardeio em sete países, nenhuma das quais foi autorizada pelo Conselho de Segurança e nenhuma delas foi realizada em legítima defesa, nos termos da Carta das Nações Unidas. Os países visados incluem Irã, Iraque, Nigéria, Somália, Síria, Iêmen e, agora, Venezuela. No último mês, o presidente Trump fez ameaças diretas contra pelo menos seis Estados-membros da ONU, incluindo Colômbia, Dinamarca, Irã, México, Nigéria e, naturalmente, Venezuela”⁵

Donald Trump usa e abusa da tática de políticos pouco democráticos e pouco transparentes de causar distração para desviar a atenção.⁶ E neste quesito Trump é excelente! A anexação da Groenlândia visando as terras raras é um bom exemplo dessa tática de distração, que tinha outro objetivo, na verdade, que era forçar países árticos e da Europa/OTAN a ampliarem as ações de segurança na região polar e entorno do mar entre Groenlândia e Europa. O foco americano é dificultar a China a usar essa nova rota marítima, que surge com o derretimento do gelo, causado pelas mudanças climáticas. China e Rússia assinaram em final de outubro de 2025 um super acordo para a rota do Ártico – Rota do Mar do Norte – consolidando a Rota da Seda Polar, lançada pela China em 2018, que envolve pesquisas em águas profundas e gelo, infraestrutura e navegação. O acordo reforça a estreita parceria entre as duas potências, sinalizando uma mudança da retórica exploratória para uma operação prática de transporte marítimo, desafiando a influência ocidental na região.⁷

Diante desse cenário de esquentamento da geopolítica, de imprevisibilidade, de rupturas às regras internacionais, aos direitos internacionais e ao multilateralismo, a China tem jogado cartas com maestria, se posicionando como um ator que segue as regras internacionais, que respeita a soberania territorial e se apresenta como um parceiro comercial estável e previsível.

E sobre a Groenlândia, com uma cajadada só, Trump rachou as relações com Europa, fez

4 O Jeffrey Sachs escreve [descreve em artigo](#), que os EUA dominaram a arte da destruição ao instrumentalizar o dólar e usar sanções econômicas e políticas financeiras para levar ao colapso das moedas dos países visados. No artigo [“A Guerra Híbrida EUA-Israel contra o Irã”](#), descreve como os EUA e Israel estão travando guerras híbridas contra a Venezuela e o Irã por meio de uma estratégia coordenada de sanções econômicas, coerção financeira, operações cibernéticas, subversão política e guerra da informação. Essa guerra híbrida foi planejada para desestabilizar as moedas do Irã e da Venezuela a fim de provocar agitação interna e, em última instância, uma mudança de regime. E comenta a [entrevista em Davos](#) do Secretário do Tesouro americano, Scott Bessent, na qual explicou detalhadamente como as sanções do Tesouro dos EUA foram deliberadamente concebidas para levar ao colapso da moeda iraniana, paralisar seu sistema bancário e levar a população do Irã às ruas. Esta é a campanha de “pressão máxima” para negar ao Irã o acesso a sistemas financeiros e de pagamento internacionais.

5 Ao final do discurso, o autor listou resumidamente essas ameaças.

6 Há um filme de 1997 (Mera Coincidência), com Dustin Hoffman e Robert De Niro, que, enquanto sátira política, aborda justamente essa técnica para manipular a mídia e a opinião pública.

7 <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2026/01/23/comercio-e-alianca-militar-a-presenca-de-russia-e-china-no-artico.htm>

a Europa se armar e se unir, e fez a União Europeia se aproximar do Mercosul⁸, da Índia⁹ - o acordo assinado criou a maior zona de livre comércio do mundo - e da China. E, confirmando a urgência desse olhar para uma China mais estável, contra uma América que parece errática e hostil até para aliados, como [escreveu](#) Tania Branigan, no The Guardian, o líder chinês, Xi Jinping, no último mês, recebeu seis chefes de Estado: Micheál Martin, Primeiro-Ministro da **Irlanda**, Lee Jae-Myung, Presidente da **Coreia do Sul**, Mark Carney, Primeiro-Ministro do **Canadá**, Yamandú Orsi, Presidente do **Uruguai**, Keir Starmer, Primeiro-Ministro do **Reino Unido**, Petteri Orpo, Primeiro-Ministro da **Finlândia**.

As ações do sem freio e sem regras, Donald Trump, seguiram causando caos também no Oriente Médio e no sudeste asiático. Embora as ameaças de bombardeios ao Irã sejam "ameaçadoras demais", Trump não pode pôr em risco o grande plano para a construção da sua "Riviera do Oriente Médio", em Gaza. Ele precisa de paz nessa região – mas, claro, uma paz que atenda a seus interesses e de seu parceiro de projeto, Israel, que tem feito o trabalho sujo de limpeza étnica. Ao fincar presença em Gaza, Trump muda o *Status Quo* da região, cujo vácuo, depois da saída dos EUA do Afeganistão, foi ocupado pela China, que mantém grandes negócios com Arábia Saudita, Irã e Emirados Árabes.

Mas, se pensarmos em riscos, o maior risco de guerra entre potências envolve Taiwan. O aumento da presença militar americana na ilha, ao redor dela e na zona ADIZ (Zona de Identificação de Defesa Aérea) e águas adjacentes da China, vem provocando reações rápidas, com demonstrações militares mais firmes da China. Os episódios frequentes de invasão americana da zona ADIZ chinesa parecem ser um cálculo de tempo de resposta. Essas ações são descritas pelos EUA como "liberdade de navegação" e que são operações de rotina em águas internacionais, enquanto Pequim as considera provocativas as incursões próximas ao seu território. China não quer uma guerra, mas ela não vai mais deixar os EUA sem resposta.

O risco cresce ainda mais quando o Japão escolhe se armar contra a China para "proteger" Taiwan. As declarações e ameaças da Primeira-Ministra do Japão, Sanae Takaichi¹⁰, sobre possível intervenção militar na ilha provocou retaliação econômica e diplomática da China – Pequim incentivou turistas a não visitarem o Japão, o que foi rapidamente acolhido uma vez que o sentimento anti japonês persiste no país. O movimento belicoso do japonês gerou preocupações profundas em Pequim sobre possíveis mudanças nas posturas militares na Ásia – à medida que os aliados dos EUA aumentam seus gastos com defesa e se mantêm alinhados com o militarismo americano.¹¹

As relações China-Japão são tensas. Os chineses nunca esqueceram as atrocidades e violações cometidas pelo Japão durante sua invasão e ocupação entre 1937 e 1945, finalizando com

8 <https://www.instagram.com/reel/DSbX6CPkVeJ/?igsh=MXd2MGV0amdqcHZ3dg==>

9 [Veja por que o pacto comercial Índia-UE é a 'mãe de todos os acordos' | Fórum Econômico Mundial](#)

10 Sanae Takaichi é uma política de linha-dura e conservadora que sempre defendeu o aumento do orçamento militar japonês. E vai ganhar mais poder com a vitória esmagadora de seu partido governista conservador nas urnas, em 8 de fevereiro.

11 <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-o-motivo-da-furia-da-china-contr-a-primeira-ministra-do-japao/>

a rendição formal do Japão, por ocasião do fim da Segunda Grande Guerra.¹² Para a China, é o "século da humilhação". Em final de 2025, [Pequim marcou o 80º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial](#) e da libertação da ocupação japonesa com um grandioso desfile militar e demonstração de capacidades bélicas.

Plano de Trump para GAZA

Durante o Fórum Econômico Mundial, em Davos, que aconteceu em janeiro, o governo Trump apresentou oficialmente os detalhes do seu plano para Gaza. O plano mostra uma visão de "profissional do ramo imobiliário", foca na transformação do território em um centro turístico e industrial moderno. E como parte do plano, também lançou o Conselho da Paz – já chamado por muitos de Conselho de Guerra -, uma nova organização liderada por Trump, com a participação de figuras como Jared Kushner e Tony Blair, para gerenciar os fundos e a governança de transição, operando paralelamente à ONU, e que poderá atuar em todo o mundo. É possível [acessar aqui](#) alguns detalhes sobre o Conselho e alguns de seus membros.

O plano para a Nova Gaza prevê a construção de 180 arranha-céus ao longo da costa, transformando o enclave em uma metrópole à beira-mar com foco em turismo de luxo. O projeto conta ainda com infraestrutura massiva, 75 centros médicos, mais de 200 escolas e a criação de zonas industriais focadas em centros de dados e tecnologia. O plano exige a desmilitarização total de Gaza sob a supervisão de uma Força de Segurança Internacional (ISF) liderada pelos EUA. [Aqui](#), uma descrição exata de como foi "espetaculoso" o lançamento do projeto.

Apresentado como um plano para reconstruir o território palestino, o projeto promete turismo costeiro, livre comércio, arranha-céus e empregos. Mas o povo de Gaza não foi consultado. A proposta não oferece nenhuma visão sobre questões centrais, como propriedade e direitos à terra – e muito menos justiça para crimes de guerra – em meio a planos de construir edifícios cintilantes no topo de cerca de 68 milhões de toneladas de escombros e detritos de guerra, onde milhares de corpos permanecem enterrados.¹³

Este plano de 2026 é uma evolução do "Acordo do Século" de 2020 (Acordos de Abraão), de normalização de relações árabes com Israel, e do plano de 20 pontos apresentado em setembro de 2025 para a paz em Gaza.



HYPERLINK

<https://www.youtube.com/watch?v=xBgWQCkANrQ&vf=pt-BR> "Trump revela plano para Gaza com arranha-céus e centros de dados | Vantage com Palki Sharma"

Fórum Econômico de Davos

Acontecendo anualmente em janeiro, o [Fórum de Davos](#) deste ano refletiu nos discursos políticos e nas entrevistas o momento geopolítico de disputa de poder e de rachas. Pensar em geopolítica é entender o papel dos discursos, das narrativas e das justificativas.

12 Saiba mais sobre a segunda guerra sino-japonesa em <https://www.historiadomundo.com.br/idade-con-temporanea/segunda-guerra-sino-japonesa.htm>

13 <https://www.aljazeera.com/news/2026/1/23/imperial-agenda-whats-trumps-gaza-development-plan-unveiled-in-davos>

E o [discurso](#) do Primeiro-Ministro canadense, Mark Carney, foi digno de entrar para os momentos marcantes da história do Século XXI e repercutiu nas mídias e redes sociais do mundo todo. Com a frase *"A nostalgia é uma estratégia de investimento terrível e uma política externa ainda pior. Não existe um botão de 'reset' para a globalização dos anos 90."* Ele argumentou que o mundo de hegemonia única acabou e que os blocos agora são definidos por alinhamento de valores e tecnologia, não apenas por proximidade geográfica. E ao falar que *"a geopolítica de 2026 não se trata de quem vende mais barato, mas de em quem você pode confiar quando a rede cai ou a fronteira fecha."* Foi uma clara menção às ações do sem regras e sem freio Trump 2.0. Carney reconheceu que o "Eixo do Atlântico" precisa aceitar a nova realidade multipolar. *"O saudosismo por uma ordem mundial liderada por apenas um lado do mapa está nos cegando para as soluções que já estão surgindo no Sul Global e no Pacífico."* Com isso, o premiê alertou que, enquanto o Ocidente discute o passado, o Oriente está construindo a infraestrutura do futuro. e Sobre IA, ele destacou que a IA não vai substituir os governos, mas os governos que ignorarem a governança da IA serão substituídos pela obsolescência social."

O discurso do PM canadense foi carregado de peso técnico e político, o discurso expressou o momento de transição que o mundo está vivendo, sob o tom de realismo histórico. E mostrou que não se trata de mudança de poder de uma potência para outra, mas do fim da hegemonia americana, que se agarra com unhas de dentes, usando todo seu poder militar e de sanções econômicas para impedir o avanço de um rival de peso (China) na nova área estratégica de poder geoeconômico que é a era da IA e das tecnologias energéticas.

Os mapas de Trump 2.0 envolvem as rotas marítimas comerciais e as novas artérias de poder que são os cabos submarinos de fibra óptica, que transportam 99% do tráfego digital transoceânico, incluindo fluxos financeiros, comunicações governamentais, diplomáticos e militares.

Outro mapa de poder é o espaço sideral. Não à toa, a China solicitou à União Internacional de Telecomunicações (UIT), órgão da ONU responsável por alocar espectro no espaço, autorização para lançar no espaço uma série de 200 mil satélites de comunicação. Pelas regras da UIT, uma vez que um país registra um pedido de constelação, outros operadores que desejam lançar satélites nas mesmas órbitas precisam demonstrar que suas operações não causarão interferência. O registro dá à China um período de sete anos para lançar pelo menos um satélite, seguido de mais sete anos para completar o lançamento de todos os equipamentos propostos.¹⁴

MENA no Fórum de Davos

Líderes do Oriente Médio e do Norte da África (MENA), demonstrando movimento contrário ao caos geopolítico global e regional, focaram no crescimento e na concretização do potencial único da região, em Davos 2026. Apresentaram suas prioridades, com foco em construir caminhos para a paz e promover um crescimento sustentável na região. O presidente do Egito, o primeiro-ministro do Catar, o chefe de governo do Marrocos, o presidente de Israel, o primeiro-ministro da Autoridade Nacional Palestina e outros líderes políticos falaram sobre a necessidade de uma paz duradoura na região.

O setor privado do Golfo participou do Fórum, incluindo da crescente indústria de IA e data centers da região, liderados pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes.¹⁵ O Egito apresentou o foco no desenvolvimento do setor privado, envolvendo tecnologia e o potencial de crescimento

14 [China quer lançar 200 mil satélites; pedido pode ser 'reserva' de órbitas](#)

15 <https://www.weforum.org/stories/2026/01/mena-the-middle-east-and-north-africa-davos-2026/>

da IA, especialmente na Educação. Arábia Saudita apresentou suas ambições em IA, focando em garantir que os benefícios sejam sentidos por todos, "não apenas dentro de economias que precisam competir, mas acredito que precisa ser feita globalmente", [disse Khalid Al-Falih](#), Ministro do Investimento da Arábia Saudita.

Os líderes da região tentaram passar confiança e avanços. A tecnologia e o potencial de crescimento da IA foram estiveram no centro, especialmente entre os países regionais com indústrias de energia avançadas. "Queremos transformar o setor de energia para ser mais inteligente em termos de capitalização da IA, e temos as aplicações e os talentos e a infraestrutura, e a coisa mais importante em tudo isso é a qualidade dos dados" disse [Amin Nasser](#), CEO da Aramco, empresa estatal de petróleo e gás natural da Arábia Saudita.

ASEAN em Davos: os riscos e oportunidades da turbulência global

Como se sabe, turbulências criam grandes transformações; podem trazer riscos e oportunidades. O bloco do sudeste asiático de 11 países vê o momento de esquentamento geopolítico e de realinhamento de atores como uma oportunidade.

A ASEAN busca se tornar a quarta maior economia do mundo e se apresenta como parceiro neutro, aberto, dinâmico e cada vez mais empreendedor. Como [colocou](#) o vice-primeiro-ministro da Tailândia, Ekniti Nitithanprapas, "é vital que os membros da ASEAN continuem trabalhando juntos". À medida que blocos regionais substituem estruturas e instituições multilaterais, os investidores naturalmente buscarão segurança." Para Nitithanprapas, a neutralidade de longa data da ASEAN e seus níveis relativos de paz são atraentes.

A ASEAN já tem redes de infraestrutura crescentes em transporte e energia, e está trabalhando para estabelecer uma infraestrutura digital para aproveitar melhor tecnologias como a IA.¹⁶ Em outubro passado, o bloco lançou o primeiro acordo regional do mundo sobre governança da economia digital. O Acordo-Quadro de Economia Digital da ASEAN (DEFA) visa reforçar e acelerar a economia digital abrangente e coerente na região, onde o fluxo contínuo e seguro de bens, serviços e dados seja sustentado por regras, regulamentos, infraestrutura, e visa aprimorar a cooperação em segurança cibernética e estabelecer estruturas para proteger a privacidade dos dados.

O DEFA capacitará e conectará as empresas sediadas na ASEAN, incluindo as micro, pequenas e médias empresas (MPMEs), aos mercados regionais e globais, além de fortalecer a competitividade e a resiliência econômica coletiva e individual.¹⁷ O acordo também cria caminhos para mulheres empreendedoras, inovadoras rurais e startups lideradas por jovens, com disposições que apoiam o desenvolvimento de habilidades, mobilidade de talentos e alfabetização digital.¹⁸

Em Davos, Daren Tang, Diretor-Geral da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), observou que a ASEAN possui "um dos maiores números de unicórnios¹⁹ no mundo

16 <https://www.weforum.org/stories/2026/01/asean-risks-opportunities-global-turbulence/>

17 <https://asean.org/asean-economic-community-council-statement-on-the-substantial-conclusion-of-the-asean-defa-negotiations/>

18 <https://www.weforum.org/stories/2025/10/asean-defa-digital-economy-pact-negotiations/>

19 Unicórnios, no mundo das startups, são o nome que se dá para as startups que alcançam valor de mercado de um bilhão de dólares.

emergente”, com 45-50. Seus gastos em P & D já chegaram a 60 bilhões de dólares, demonstrando forte compromisso com a inovação, e os pedidos em áreas como patentes e designs estão crescendo rapidamente. Tang sugeriu que a ASEAN está se transformando de consumidora de propriedade intelectual para “criar, inventar e levar ideias ao mercado”, acrescentando que “não se trata mais de turismo e recursos naturais, mas também de criatividade e empreendedorismo”.²⁰

Em resumo, enquanto a Ásia usa a IA para resolver o problema da falta de profissionais (automação) o Oriente Médio usa para acelerar a soberania tecnológica e diversificar sua economia para além do petróleo.

IA e aplicabilidade na Saúde na Ásia e Oriente Médio

Entre os riscos globais que anualmente o Fórum de Davos aponta, a Inteligência Artificial (IA) está entre eles. E, como se pode observar no [gráfico animado](#) de Davos, a própria IA traz seus próprios riscos, uma vez que está cheia de paradoxos. É uma ferramenta poderosa com capacidades impressionantes, mas ainda assim limitada em muitas áreas. Embora prometa melhorar o bem-estar humano, também levanta preocupações sobre o aumento das desigualdades sociais e a mudança dos mercados de trabalho. Seus mecanismos subjacentes são altamente técnicos, mas o público em geral pode — e deve — compreender seus princípios centrais e as questões sociais que ela coloca. À medida que a influência da IA continua crescendo, será essencial envolver vozes diversas e expertises para garantir que a tecnologia apoie o potencial humano e contribua para resultados positivos e inclusivos.²¹

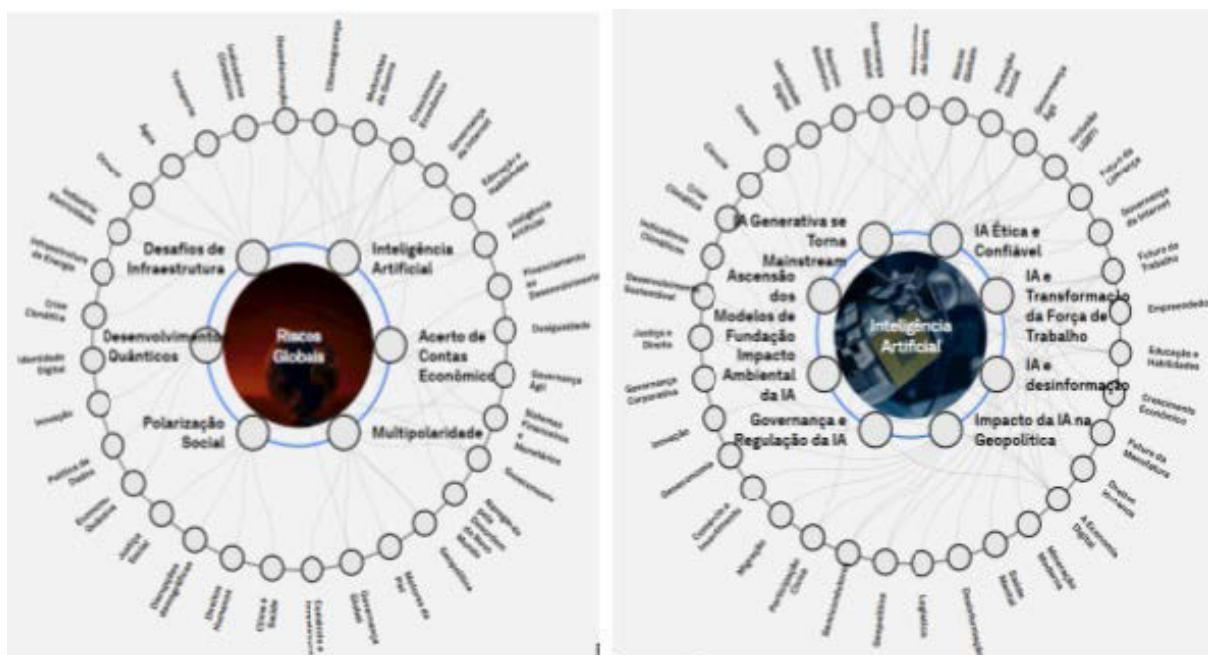


Imagem SEQ Imagem * ARABIC 1: Gráfico animado de Davos

20 <https://www.weforum.org/stories/2026/01/asean-risks-opportunities-global-turbulence/>

21 <https://intelligence.weforum.org/topics/aIGb0000000pTDREA2>

Os líderes da região MENA e Ásia Pacífico disseram que já estão vendo impacto ao implantarem tecnologia de IA na saúde e na logística, e focaram em sua vantagem energética como uma vantagem competitiva.

Em seu [discurso de abertura](#) da [158ª sessão do Conselho Executivo \(Executive Board - EB\)](#) da OMS, o diretor geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, abordou pontos críticos para a saúde global em 2026, como a Crise de Financiamento - ele descreveu 2025 como um dos anos mais difíceis da história da agência -; o Apelo Humanitário, lançando um apelo global de US\$ 1 bilhão para responder a 36 emergências de saúde em todo o mundo e reforçou a importância da implementação do Acordo Pandêmico adotado no ano anterior para garantir que o mundo esteja mais preparado para futuras crises

O uso da IA e seu potencial também foi abordado no discurso. Tedros mencionou o potencial da IA de salvar milhões de vidas ao acelerar diagnósticos em lugares sem médicos, mas que o risco de “desigualdade algorítmica” (quando a IA funciona bem para uns, mas não para outros) é a nova fronteira da luta pelos direitos humanos. A OMS está realmente tentando equilibrar o entusiasmo pela tecnologia com um pé no freio ético.

Na [agenda oficial](#) do EB158, a Inteligência Artificial e a Saúde Digital não aparecem apenas em um item, mas estão transversalmente espalhadas. No item 14 da Agenda: *Digital Health and Artificial Intelligence for Health*, se discute o progresso da estratégia global. No Item 15.1: *Pillar 1: One billion more people benefiting from universal health coverage*, a IA é citada como ferramenta de diagnóstico para áreas remotas.

Documento [EB158/19](#), *Harmonization of regulatory approaches, governance and standards for data, digital health and artificial intelligence in the health sector*, Tedros consolida três temas cruciais: medicina de precisão, governação ética e regulatória da IA e transformação digital para sistemas de saúde resilientes. O relatório enfatiza que a implementação segura da IA e da medicina de precisão depende de fundações robustas de dados e saúde digital; que muitos Estados-Membros enfrentam ecossistemas digitais fragmentados e com interoperabilidade limitada, o que aumenta os custos de manutenção e compromete a qualidade; que sem dados representativos e interoperáveis, a IA corre o risco de amplificar viesamentos e ineficiências e, por fim, reconhece o potencial de avanços em genômica e bioinformática para criar sistemas de saúde mais preditivos e personalizados.

O documento também aponta que há uma necessidade urgente de padrões globais harmonizados para a supervisão regulatória da IA, uma vez que a proliferação tecnológica ultrapassou a capacidade regulatória de muitos países. E traz uma preocupação com a equidade, uma vez que a transformação digital deve ser centrada nas pessoas e baseada em direitos humanos, garantindo que a inovação promova a inclusão de populações marginalizadas.

A OMS Pacífico Ocidental lançou em outubro passado [sua estratégia regional](#) para IA equitativa. A OPAS – Organização Panamericana da Saúde já disponibilizou um [Guia de IA em Saúde Pública](#).

O documento EB158/19 serve como o “manual de regras” global, enquanto a Ásia e o Médio Oriente são os “campos de teste” onde essas regras estão a ser desafiadas na prática. A **Ásia-Pacífico** está focada em escala massiva, hospitais agentes e integração robótica, enquanto o **Oriente Médio** está usando sua riqueza para “saltar etapas” (leapfrog) e criar centros globais de biotecnologia do zero. Na **Ásia**, a IA não é apenas uma ferramenta, mas o sistema operacional de hospitais inteiros para lidar com o envelhecimento populacional. No **Oriente Médio**, Arábia Saudita e Emirados Árabes estão investindo bilhões para se tornarem hubs globais de IA fora

do eixo EUA-China. Abaixo alguns exemplos práticos e atuais e uma comparação entre essas iniciativas e os pontos do documento EB158/19.

China - A startup XtalPi (fundada por pesquisadores do MIT, em Shenzhen) é um exemplo real de sucesso: eles usam computação quântica e IA para prever a estabilidade de moléculas, tendo acelerado o desenvolvimento de medicamentos como o *Paxlovid*. Estima-se que 30% dos novos projetos de medicamentos no mundo já venham da China. Saiba mais em [XtalPi - Resultados 2025 e Avanços em RNA e Oncologia](#) e em [Breakthrough em Desenvolvimento de Fármacos via IA \(Janeiro 2026\)](#). Outro exemplo pode ser acompanhado no vídeo [Avanço da IA na Indústria Farmacêutica Chinesa](#), o qual explora como a China está liderando a corrida para aprovar o primeiro medicamento totalmente projetado por inteligência artificial, um marco histórico para a região da Ásia-Pacífico.

Japão - O Supercomputador de IA Tokyo 1, operado pela Xeureka, é exclusivamente dedicado à indústria farmacêutica japonesa. Ele utiliza o software *NVIDIA BioNeMo* para simular a interação de proteínas em uma escala que reduz o tempo de descoberta de fármacos de anos para meses. [Xeureka - Tokyo-1 Home Page](#) e [Avanços da Xeureka em Pesquisa de Peptídeos \(Dezembro 2025\)](#)

Coreia do Sul, Tailândia e Tailândia - O Hospital Hallym University (Coreia) usa IA para documentação clínica em tempo real, economizando cerca de 90 minutos por dia de cada neurologista. No Bangkok Hospital (Tailândia), espelhos com IA (*AI Mirror*) realizam triagem de sinais vitais sem contato físico. O Vietnã usa IA para triagem rápida em áreas rurais.

Emirados Árabes (Abu Dhabi) - A Insilico Medicine inaugurou em Abu Dhabi o maior centro de pesquisa biotecnológica do mundo movido por IA generativa. Eles utilizam a plataforma *Pharma.AI* para descobrir novos alvos terapêuticos e desenhar moléculas “do zero”. É um exemplo clássico de como a região está deixando de ser apenas consumidora de remédios para se tornar desenvolvedora. Veja em [Insilico Medicine - Lançamentos da plataforma Pharma.AI \(2025-2026\)](#) e em [Descoberta da primeira terapia totalmente desenvolvida nos Emirados Árabes](#)

Arábia Saudita - Em parceria com a empresa Lean Business Services, o Ministério da Saúde saudita implementou sistemas de Gêmeos Digitais (Digital Twins). Eles criam modelos virtuais de pacientes com doenças crônicas para simular como diferentes tratamentos reagirão no corpo daquela pessoa específica antes de aplicar o medicamento real. Saiba mais em [Lean.sa - Lançamento da Tecnologia de Gêmeos Digitais \(Outubro 2024/2025\)](#) e em [Ministério da Saúde da Arábia Saudita e a Plataforma de IA Cognitiva Cortex](#)

Qatar - O país tem focado em IA para gestão de doenças crônicas, recebendo investimentos para integrar dados de *wearables* (relógios inteligentes) diretamente nos sistemas nacionais de saúde, permitindo intervenções preventivas antes que o paciente precise de hospitalização.

É um momento de mudança de papéis na inovação tecnológica que vale muito a pena observar. Por exemplo: a XtalPi, a startup acabou de fechar uma parceria de US\$5,99 bilhões com a empresa americana DoveTree em agosto de 2025, o que mostra que o Ocidente está comprando a tecnologia de IA desenvolvida na Ásia, invertendo a lógica tradicional. Essa inversão de papéis que estamos vendo — com o Oriente Médio virando um polo de biotecnologia e a Ásia exportando algoritmos de ponta para o Ocidente — é realmente um prato cheio para uma análise profunda. Aliás, o Oriente Médio é o exemplo prático de onde a “soberania de dados” (citada no ponto 11 do relatório) está a ser usada como vantagem competitiva para atrair empresas de biotecnologia.

Retomando os pontos que a OMS defende, elencados no documento da OMS EB158/19, por exemplo, sobre Interoperabilidade vs. Escala Massiva, podemos ver que a Ásia está liderando a

transição de sistemas fragmentados para sistemas inteligentes unificados. China e Coreia do Sul resolveram isso através de grandes plataformas nacionais integradas. O documento da OMS sugere que os países criem padrões, a Ásia já está implementando a IA Agência, na qual agentes de IA navegam entre diferentes bases de dados de hospitais para consolidar o histórico do paciente.

Sobre ética e regulação vs inovação acelerada. O documento da OMS enfatiza a necessidade de governança ética e alerta que a tecnologia está a correr mais depressa que as leis. Pede “benchmarking” (testes de qualidade) para a IA. Países como os Emirados Árabes criaram “sandboxes” regulatórias (espaços onde as leis são mais flexíveis para testar inovações). Em Abu Dhabi, a aplicação de IA na medicina de precisão está a avançar sem esperar por padrões globais, criando os seus próprios protocolos éticos baseados em soberania de dados local.

Sobre Medicina de Precisão e Genômica. O EB158/19 coloca a medicina de precisão como um pilar para o futuro, mas avisa que ela é cara e pode gerar desigualdade. A realidade: Japão (com o Tokyo-1) está a democratizar a medicina de precisão através da computação avançada para baixar o custo de novos fármacos; a Arábia Saudita está a investir em sequenciamento genômico em massa para a sua população - foi o que em Davos, o [disse Khalid Al-Falih](#), Ministro do Investimento da Arábia Saudita, sobre acessibilidade à IA e seus recursos. Como se pode ver, estas duas regiões estão tentando tentar resolver o “dilema da equidade” citado pela OMS através da economia de escala — tornando a tecnologia tão comum que o preço acaba por baixar.

Enquanto o relatório EB158/19 da OMS estabelece as balizas éticas e a necessidade de fundações sólidas de dados, as regiões da **Ásia-Pacífico** e do **Médio Oriente** funcionam como motores de aceleração. A Ásia demonstra como vencer a fragmentação sistêmica, enquanto o Médio Oriente exemplifica como a soberania de dados pode impulsionar a medicina de precisão.

Tropicalização das tecnologias IA para o SUS - só uma ideia

O desafio para o **SUS no Brasil** é absorver a velocidade destas regiões mantendo a bússola ética e de equidade proposta pelo Diretor-Geral da OMS. Um país continental com um Sistema Único de Saúde precisa “tropicalizar” as inovações da Ásia e do Oriente Médio para não virarem tecnologias caras e inacessíveis. A OMS tem um termo técnico para essa adaptação: *Digital Health Equity by Design*. Por exemplo, os Gêmeos Digitais saudita, que de individual, poderiam ser adaptados para Gêmeos Digitais Populacionais e usados na Atenção Primária, como opção para cálculo de distribuição de medicamentos em um bairro específico, evitando desperdícios, medicamentos que ficam vencidos, etc. A IA de triagem usada na Tailândia e no Vietnã poderiam agilizar as filas de espera por especialistas, priorizando as urgências, ao analisar exames.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olharmos as disputas de poder entre EUA e China, é interessante refletirmos sobre as diferenças entre o pensamento ocidental e oriental e sobre a diferença de como esses países encaram essa disputa de poder e como traçam seus caminhos para alcançar o poder – inclusive como eles interpretam o que é poder e ter poder. A China atordoa os EUA tirando da manga soluções e caminhos não pensados pelo pensamento ocidental.

E o Fórum de Davos foi um reflexo do momento geopolítico; da necessidade de promover mudanças, uma vez que, como alertou Mark Carney, o “saudosismo geopolítico” é um entrave ao progresso.

Com a frase “liderar em 2026 significa ter a coragem de enterrar o século XX para que possamos finalmente habitar o XXI”, o premier canadense conclamou os governos que parem de tentar salvar modelos de negócios e governança obsoletos. E os países da Ásia e do Oriente Médio fizeram questão de mostrar as oportunidades inovadoras que se abrem em várias áreas.

Na saúde digital, isso se traduz na aceitação de que a inovação não flui mais em sentido único, do Norte para o Sul, mas em uma rede complexa e multipolar onde a soberania de dados e a ética, como discutido no Conselho Executivo da OMS, são as novas moedas de troca.

Um exemplo disso é a startup chinesa XtalPi que acabou de fechar uma parceria de US\$5,99 bilhões com a empresa americana DoveTree em agosto de 2025, o que mostra que o Ocidente está comprando a tecnologia de IA desenvolvida na Ásia, invertendo a lógica tradicional. Essa inversão de papéis que estamos vendo — com o Oriente Médio virando um polo de biotecnologia e a Ásia exportando algoritmos de ponta para o Ocidente — é realmente um prato cheio para uma análise profunda. É um momento de inversão na inovação tecnológica que vale muito a pena observar.

E para o **SUS no Brasil**, o desafio é absorver essas tecnologias na velocidade destas regiões, mantendo a bússola ética e de equidade proposta pelo Diretor-Geral da OMS. Um país continental com um Sistema Único de Saúde precisa “tropicalizar” as inovações da Ásia e do Oriente Médio para não virarem tecnologias caras e inacessíveis. A OMS tem um termo técnico para essa adaptação: *Digital Health Equity by Design*.